



CARLOS RUIZ ZAFÓN

# A Sombra do Vento

MAIS DE  
6,5 MILHÕES  
DE EXEMPLARES  
VENDIDOS EM  
TODO O  
MUNDO

SUMA  
de Letras

Numa manhã de 1945, um rapaz é conduzido pelo pai a um lugar misterioso, oculto no coração da cidade velha: o Cemitério dos Livros Esquecidos. Aí, Daniel Sempere encontra um livro maldito que muda o rumo da sua vida e o arrasta para um labirinto de intrigas e segredos enterrados na alma obscura de Barcelona.

Juntando as técnicas do relato de intriga e suspense, o romance histórico e a comédia de costumes, *A Sombra do Vento* é sobretudo uma trágica história de amor cujo eco se projecta através do tempo. Com uma grande força narrativa, o autor entrelaça tramas e enigmas ao modo de bonecas russas num inesquecível relato sobre os segredos do coração e o feitiço dos livros, numa intriga que se mantém até à última página.

Carlos Ruiz Zafón nasceu em Barcelona em 1964. Com a sua primeira obra, *El Príncipe de La Niebla*, obteve o Prémio Edebé em 1993. Desde então publicou quatro romances e converteu-se numa das revelações literárias dos últimos tempos. Com *A Sombra do Vento*, finalista do Prémio de Romance Fernando Lara 2001 e do Prémio Llibreter 2002, eleito Melhor Livro de 2002 pelos leitores de *La Vanguardia*, e publicado em mais de vinte línguas, está a obter um dos maiores êxitos internacionais da literatura espanhola. Actualmente, Carlos Ruiz Zafón reside em Los Angeles, onde trabalha num romance, e colabora habitualmente com *La Vanguardia* e *El País*.

*A Sombra do Vento* é um mistério literário passado na Barcelona da primeira metade do século XX, desde os últimos esplendores do Modernismo até às trevas do pós-guerra. Um inesquecível relato sobre os segredos do coração e o feitiço dos livros, num crescendo de suspense que se mantém até à última página.

«Embora com ecos superficiais de Mendoza e Pérez-Reverte, a voz de Ruiz Zafón é de uma originalidade à prova de bomba. *A Sombra do Vento* anuncia um fenómeno da literatura popular espanhola.»

Sérgio Vila-Sanjuán, *La Vanguardia*

«Um livro sobre outro livro, cheio de cenas fantásticas e maravilhosas. Logo que se começa a ler não se pode largar. Li-o num dia e meio, de uma assentada.»

Joschka Hsher (ministro alemão dos Negócios Estrangeiros)

# Índice

O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS.....	3
DIAS DE CINZA - 1945-1949 .....	3
MISÉRIA E COMPANHIA - 1950-1952 .....	42
GÉNIO E FIGURA - 1953.....	66
CIDADE DE SOMBRAS - 1954.....	85
NURIA MONFORT: MEMÓRIA DE APARIÇÕES - 1933-1955 .....	332
A SOMBRA DO VENTO - 1955.....	414
27 DE NOVEMBRO DE 1955 – POST MORTEM.....	429
1956 - AS ÁGUAS DE MARÇO.....	429
1966 – DRAMATIS PERSONAE .....	438

Para Joan Ramon Planas, me mereceria coisa melhor.

## O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS

Ainda me lembro daquele amanhecer em que o meu pai me levou pela primeira vez a visitar o Cemitério dos Livros Esquecidos. Desfiavam-se os primeiros dias do Verão de 1945 e caminhávamos pelas ruas de uma Barcelona apanhada sob céus de cinza e um sol de vapor que se derramava sobre a Rambla de Santa Mónica numa grinalda de cobre líquido.

- Não podes contar a ninguém aquilo que vais ver hoje, Daniel - advertiu o meu pai. - Nem ao teu amigo Tomás. A ninguém.

- Nem sequer à mamã? - inquiri eu, a meia-voz.

O meu pai suspirou, amparado naquele sorriso triste que o perseguia como uma sombra pela vida.

- Claro que sim - respondeu, cabisbaixo. - Para ela não temos

segredos. A ela podes contar tudo.

Pouco depois da guerra civil, um surto de cólera tinha levado a minha mãe. Enterrámo-la em Montjuic no dia do meu quarto aniversário. Só me lembro de que choveu todo o dia e toda a noite e que quando perguntei ao meu pai se o céu chorava lhe faltou a voz para me responder. Seis anos depois, a ausência da minha mãe era para mim ainda uma miragem, um silêncio gritante que até então não tinha aprendido a emudecer com palavras. O meu pai e eu vivíamos num pequeno andar da Rua Santa Ana, junto da praça da igreja. O andar ficava situado mesmo por cima da livraria especializada em edições de colecionador e livros usados herdada do meu avô, um bazar encantado que o meu pai contava que um dia passasse para as minhas mãos. Criei-me entre livros, fazendo amigos invisíveis em páginas que se desfaziam em pó e cujo cheiro ainda conservo nas mãos. Em criança aprendi a conciliar o sono enquanto explicava à minha mãe na penumbra do meu quarto as incidências da jornada, as minhas andanças no colégio, o que tinha aprendido nesse dia... Não podia ouvir a sua voz ou sentir o seu contacto, mas a sua luz e o seu calor ardiavam em cada recanto daquela casa e eu, com a fé dos que ainda podem contar os seus anos pelos dedos das mãos, acreditava que, se fechasse os olhos e falasse com ela, ela me poderia ouvir de onde estivesse. Às vezes, o meu pai ouvia-me da sala de jantar e chorava às escondidas.

Lembro-me de que naquele alvorecer de Junho acordei a gritar. O coração batia-me no peito como se a alma quisesse abrir caminho e desatar a correr pelas escadas abaixo. O meu pai correu alvoroçado ao meu quarto e tomou-me nos braços, tentando acalmar-me.

- Não consigo lembrar-me da cara dela. Não consigo lembrar-me da cara da mamã - murmurei ofegante.

O meu pai abraçou-me com força.

- Não te preocupes, Daniel. Eu lembrar-me-ei pelos dois. Olhámo-nos na penumbra, procurando palavras que não existiam. Foi a primeira vez que me apercebi de que o meu pai envelhecia e de que os seus olhos, olhos de névoa e de perda, olhavam sempre para trás. Pôs-se de pé e abriu as cortinas para deixar entrar a tibia luz do alvorecer.

- Anda, Daniel, veste-te. Quero mostrar-te uma coisa - disse ele.

- Agora? Às cinco da manhã?

- Há coisas que só se podem ver no meio das trevas - insinuou o meu pai brandindo um sorriso enigmático que provavelmente tinha tomado de empréstimo de algum volume de Alexandre Dumas.

As ruas ainda languesciam entre neblinas e guardas-nocturnos quando chegámos à porta da rua. Os candeeiros das Ramblas desenhavam uma avenida de vapor, pestanejando ao mesmo tempo que a cidade se espreguiçava e se desfazia do seu disfarce de aguarela. Ao chegar à Rua Arco del Teatro aventurámo-nos rumo ao Raval sob a arcada que prometia uma abóbada de bruma azul. Segui o meu pai através daquele caminho estreito, mais cicatriz que rua, até que o relume das Ramblas se perdeu atrás de nós. A claridade do amanhecer filtrava-se das varandas e cornijas em sopros de luz enviesada que não chegavam a roçar o solo. Finalmente, o meu pai deteve-se defronte de um portão de madeira trabalhada enegrecido pelo tempo e pela humidade. Diante de nós erguia-se o que me pareceu o cadáver abandonado de um palácio, ou um museu de ecos e sombras.

- Daniel, não podes contar a ninguém o que vais ver hoje. Nem ao teu amigo Tomás. A ninguém.

Um homenzinho com traços de ave de rapina e cabeleira prateada abriu-nos a porta. O seu olhar aquilino poisou em mim, impenetrável.

- Bom dia, Isaac. Este é o meu filho Daniel - anunciou o meu pai. - Está quase a fazer onze anos, e um dia ficará ele a tomar conta da loja. Já tem idade para conhecer este lugar.

O tal Isaac convidou-nos a entrar com um leve gesto de assentimento. Uma penumbra azulada cobria tudo, insinuando apenas traços de uma escadaria de mármore e uma galeria de frescos povoados de figuras de anjos e criaturas fabulosas. Seguimos o guardião através daquele corredor palaciano e chegámos a uma grande sala circular onde uma autêntica basílica de trevas jazia sob uma cúpula retalhada por feixes de luz que pendiam lá do alto. Um labirinto de corredores e estantes repletas de livros subia da base até à cúspide, desenhando uma colmeia tecida de túneis, escadarias, plataformas e pontes que deixavam adivinhar uma gigantesca biblioteca de geometria impossível. Olhei para o meu pai, boquiaberto. Ele sorriu-me, piscando-me o olho.

- Bem-vindo ao Cemitério dos Livros Esquecidos, Daniel.

Salpicando os corredores e plataformas da biblioteca perfilava-se

uma dúzia de figuras. Algumas delas voltaram-se para cumprimentar de longe, e reconheci os rostos de diversos colegas do meu pai do grémio de alfarrabistas. Aos meus olhos de dez anos, aqueles indivíduos afiguravam-se uma confraria secreta de alquimistas a conspirar nas costas do mundo. O meu pai ajoelhou-se ao pé de mim e, sustendo-me o olhar, falou-me com aquela voz leve das promessas e das confidências.

- Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês, tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma dos que o leram e viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro muda de mãos, cada vez que alguém desliza o olhar pelas suas páginas, o seu espírito cresce e torna-se forte. Há já muitos anos, quando o meu pai me trouxe pela primeira vez aqui, este lugar já era velho. Talvez tão velho como a própria cidade. Ninguém sabe de ciência certa desde quando existe, ou quem o criou. Dir-te-ei o que o meu pai me disse a mim. Quando uma biblioteca desaparece, quando uma livraria fecha as suas portas, quando um livro se perde no esquecimento, os que conhecemos este lugar, os guardiães, asseguramo-nos de que chegue aqui. Neste lugar, os livros de que já ninguém se lembra, os livros que se perderam no tempo, vivem para sempre, esperando chegar um dia às mãos de um novo leitor, de um novo espírito. Na loja nós vendemo-los e compramo-los, mas na realidade os livros não têm dono. Cada livro que aqui vês foi o melhor amigo de alguém. Agora só nos têm a nós, Daniel. Achas que vais poder guardar este segredo?

O meu olhar perdeu-se na imensidade daquele lugar, na sua luz encantada. Fiz um sinal de assentimento e o meu pai sorriu.

- E sabes o melhor? - perguntou. Abanei a cabeça em silêncio.

- O costume é que a primeira vez que alguém visita este lugar tem de escolher um livro, aquele que preferir, e adoptá-lo, assegurando-se de que ele nunca desapareça, de que permaneça sempre vivo. É uma promessa muito importante. Para toda a vida - explicou o meu pai.

- Hoje é a tua vez.

Pelo espaço de quase meia hora deambulei entre os meandros daquele labirinto que cheirava a papel velho, a pó e a magia. Deixei que a minha mão roçasse as avenidas de lombadas expostas, tentando a minha escolha. Avistei, entre os títulos sumidos pelo tempo, palavras em línguas que reconhecia e dezenas de outras que era incapaz de catalogar. Percorri

corredores e galerias em espiral povoadas de centenas, milhares de volumes que pareciam saber mais acerca de mim do que eu deles. Daí a pouco, assaltou-me a ideia de que atrás da capa de um daqueles livros se abria um universo infinito por explorar e de que, para além daqueles muros, o mundo deixava passar a vida em tardes de futebol e folhetins radiofónicos, contentando-se em ver até onde alcança o seu umbigo e pouco mais. Talvez fosse aquele pensamento, talvez o acaso ou o seu parente de gala, o destino, mas naquele mesmo instante soube que já tinha escolhido o livro que ia adotar. Ou talvez devesse dizer o livro que me ia adotar a mim. Assomava timidamente no extremo de uma estante, encadernado a pele cor de vinho e sussurrando o seu título em letras douradas que ardiam à luz que a cúpula destilava lá do alto. Aproximei-me dele e acariciei as palavras com a ponta dos dedos, lendo em silêncio.

### A Sombra do Vento Julián Carax

Nunca tinha ouvido mencionar aquele título ou o seu autor, mas não me importou. A decisão estava tomada. Por ambas as partes. Peguei no livro com extremo cuidado e folheei-o, deixando esvoaçar as suas páginas. Libertado da sua cela na estante, o livro exalou uma nuvem de pó dourado. Satisfeito com a minha escolha, voltei pelo mesmo caminho ao longo do labirinto levando o meu livro debaixo do braço com um sorriso impresso nos lábios. Talvez a atmosfera feiticeira daquele lugar tivesse levado a melhor sobre mim, mas tive a certeza de que aquele livro tinha estado ali à minha espera durante anos, provavelmente desde antes de eu nascer.

Naquela tarde, de volta ao andar da Rua Santa Ana, refugiei-me no meu quarto e decidi ler as primeiras linhas do meu novo amigo. Antes que me apercesse, tinha caído dentro dele sem remédio. O romance relatava a história de um homem em busca do seu verdadeiro pai, que nunca tinha chegado a conhecer e cuja existência só descobriria graças às últimas palavras que a mãe pronunciava no seu leito de morte. A história daquela busca transformava-se numa odisseia fantasmagórica na qual o protagonista lutava por recuperar uma infância e uma juventude perdidas, e na qual, lentamente, descobríamos a sombra de um amor maldito cuja lembrança o havia de perseguir até ao fim dos seus dias. À medida que avançava, a estrutura do relato começou a lembrar-me uma daquelas bonecas russas que contêm inumeráveis miniaturas de si mesmas no interior. Passo a passo, a narração decompunha-se em mil histórias, como se o relato tivesse penetrado numa galeria de espelhos e a

sua identidade se cindisse em dúzias de reflexos diferentes e ao mesmo tempo um só. Os minutos e as horas deslizaram como uma miragem. Horas mais tarde, aprisionado pelo relato, mal dei pelas badaladas da meia-noite na catedral a repicar ao longe. Enterrado na luz de cobre que o candeeiro flexível projectava, mergulhei num mundo de imagens e sensações como nunca as tinha conhecido. Personagens que se me afiguraram tão reais como o ar que respirava arrastaram-me para um túnel de aventura e mistério do qual não queria escapar. Página a página, deixei-me envolver pelo sortilégio da história e pelo seu mundo até que o sopro do amanhecer acariciou a minha janela e os meus olhos cansados deslizaram pela última página. Deitei-me na penumbra azulada do alvorecer com o livro sobre o peito e escutei o rumor da cidade adormecida a gotejar sobre os telhados salpicados de púrpura. O sonho e a fadiga batiam à minha porta, mas resisti a render-me. Não queria perder o feitiço da história nem dizer adeus ainda às suas personagens.

Numa ocasião ouvi um cliente habitual comentar na livraria do meu pai que poucas coisas marcam tanto um leitor como o primeiro livro que realmente abre caminho até ao seu coração. Aquelas primeiras imagens, o eco dessas palavras que julgamos ter deixado para trás, acompanham-nos toda a vida e esculpem um palácio na nossa memória ao qual, mais tarde ou mais cedo - não importa quantos livros leiamos, quantos mundos descobramos, tudo quanto aprendamos ou esqueçamos -, vamos regressar. Para mim aquelas páginas enfeitiçadas serão sempre as que encontrei entre os corredores do Cemitério dos Livros Esquecidos.

## **DIAS DE CINZA - 1945-1949**

### **1.**

Um segredo vale o que valem aqueles de quem temos de guardá-lo. Ao acordar, o meu primeiro impulso foi dar parte da existência do Cemitério dos Livros Esquecidos ao meu melhor amigo. Tomás Aguilar era um colega de estudos que dedicava o tempo livre e o talento à descoberta de geringonças engenhosíssimas mas de escassa aplicação prática, como o dardo aerostático ou o pião-dínamo. Ninguém melhor que Tomás para partilhar aquele segredo. Sonhando acordado, imaginava

o meu amigo Tomás e eu próprio apetrechados ambos de lanternas e bússola, prestes a desvendar os segredos daquela catacumba bibliográfica. Depois, recordando a minha promessa, decidi que as circunstâncias aconselhavam o que nos romances de intriga policial se denominava outro modus operandi. Ao meio-dia abordei o meu pai para o questionar acerca daquele livro e de Julián Carax, que no meu entusiasmo tinha imaginado célebres em todo o mundo. O meu plano era deitar mão a todas as suas obras e lê-las de fio a pavio em menos de uma semana. Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que o meu pai, livreiro de raça e bom conhecedor dos catálogos editoriais, nunca tinha ouvido falar de A Sombra do Vento ou de Julián Carax. Intrigado, o meu pai inspeccionou a página com os dados da edição.

- Segundo isto, este exemplar faz parte de uma edição de dois mil e quinhentos exemplares impressa em Barcelona, por Cabestany Editores, em Dezembro de 1935.

- Conheces essa editora?

- Fechou há anos. Mas a edição original não é esta, e sim outra de Novembro do mesmo ano, mas impressa em Paris... A editora é Galliano & Neuval. Não me diz nada.

- Então o livro é uma tradução? - perguntei, desconcertado.

- Não refere que o seja. Pelo que aqui se vê, o texto é original.

\_ Um livro em castelhano, editado primeiro em França?

- Não será a primeira vez, com os tempos que correm - aduziu o meu pai. - Se calhar o Barceló pode-nos ajudar...

Gustavo Barceló era um velho colega do meu pai, dono de uma livraria cavernosa na rua Fernando, que capitaneava a fina-flor do grémio de alfarrabistas. Vivia perpetuamente agarrado a um cachimbo apagado que desprendia eflúvios de mercado persa e descrevia-se a si próprio como o último romântico. Barceló sustentava que na sua linhagem havia um parentesco distante com lord Byron, apesar de ser natural de Caldas de Montbuy. Talvez no intuito de evidenciar esta ligação, Barceló vestia invariavelmente à maneira de um dândi do século dezanove, usando lenço de pescoço, sapatos de verniz brancos e um monóculo sem graduação que segundo as más-línguas não tirava nem na intimidade da retrete. Na realidade, o parentesco mais significativo a seu crédito era o do

progenitor, um industrial que tinha enriquecido por meios mais ou menos turvos em finais do século XIX. Segundo me explicou o meu pai, Gustavo Barceló, tecnicamente, nadava em dinheiro, e a livraria era mais paixão que negócio. Amava os livros sem reserva e, embora ele o negasse rotundamente, se alguém entrava na sua livraria e se apaixonava por um exemplar cujo preço não podia comportar, ele fazia um abatimento até onde fosse necessário, ou inclusivamente oferecia-lho se calculasse que o comprador era um leitor de categoria e não um diletante borboleteador. À margem destas peculiaridades, Barceló possuía uma memória de elefante e uma pedantaria que não lhe ficava atrás em porte ou sonoridade, mas se alguém sabia de livros estranhos, era ele. Naquela tarde, depois de fechar a loja, o meu pai sugeriu que fôssemos até ao café Els Quatre Gats, na Rua Montsió, onde Barceló e os seus compinchas mantinham uma tertúlia bibliófila sobre poetas malditos, línguas mortas e obras-primas abandonadas à mercê da traça.

Els Quatre Gats ficava a um pulo de casa e era um dos meus recantos predilectos de toda a Barcelona. Era ali que os meus pais se tinham conhecido no ano de 32, e eu atribuía em parte o meu bilhete de ida para a vida ao encanto daquele velho café. Dragões de pedra custodiavam a fachada encravada num cruzamento de sombras e os seus candeeiros de gás congelavam o tempo e as lembranças. No interior, as pessoas fundiam-se com os ecos de outras épocas. Guarda-livros, sonhadores e aprendizes de génio compartilhavam mesa com a miragem de Pablo Picasso, Isaac Albéniz, Federico Garcia Lorca ou Salvador Dali. Ali, qualquer pobre diabo se podia sentir por uns instantes figura histórica pelo preço de um garoto.

- Ena, Sempere - proclamou Barceló ao ver entrar o meu pai -, o filho pródigo. A que se deve a honra?

- A honra deve-a ao meu filho Daniel, don Gustavo, que acaba de fazer uma descoberta.

- Então venham sentar-se ao pé de nós, que há que celebrar esta efeméride - proclamou Barceló.

- Efeméride? - sussurrei ao meu pai.

- O Barceló só se expressa em esdrúxulas - respondeu o meu pai a meia voz. - Tu não digas nada, que ele ganha coragem.

Os companheiros de tertúlia abriram lugar para nós no seu círculo e

Barceló, que gostava de se mostrar liberal em público, insistiu em convidar-nos.

- Que idade tem o moço? - inquiriu Barceló, olhando-me de soslaio.

- Quase onze anos - declarei.

Barceló sorriu-me, velhaco.

- Ou seja, dez. Não ponhas anos a mais, mariola, que a vida lá tos porá. Vários dos companheiros de tertúlia murmuraram o seu assentimento.

Barceló fez sinais a um criado com aspecto iminente de ser declarado monumento histórico para que se aproximasse a fim de tomar nota.

- Um conhaque para o meu amigo Sempere, do bom, e para o rebento um batido de leite, que tem de crescer. Ah, e traga umas lasquinhas de presunto, mas que não sejam como as de antes, hem?, que para borracha já temos a casa Pirelli - rugiu o livreiro.

O criado assentiu e partiu, arrastando os pés e a alma.

- É o que eu digo - comentou o livreiro. - Como é que há-de haver trabalho, se neste país as pessoas não se reformam nem depois de mortas? Veja o Cid. É que não há remédio.

Barceló saboreou o seu cachimbo apagado, com o olhar aquilino a perscrutar com interesse o livro que eu segurava nas mãos. Apesar da sua fachada brincalhona e de tanto palavreado, Barceló era capaz de farejar uma boa presa como um lobo fareja o sangue.

- Ora vejamos - disse Barceló, fingindo desinteresse. - Que me trazem vocês?

Dirigi um olhar ao meu pai. Ele assentiu. Sem mais preâmbulos, estendi o livro a Barceló. O livreiro pegou-lhe com mão conhecedora. Os seus dedos de pianista exploraram rapidamente textura, consistência e estado. Exibindo o seu sorriso florentino, Barceló localizou a página de edição e inspeccionou-a com intensidade policial pelo espaço de um minuto. Os outros observavam-no em silêncio, como se esperassem um milagre ou autorização para respirar de novo.

- Carax. Interessante - murmurou num tom impenetrável.

Estendi de novo a mão para recuperar o livro. Barceló arqueou as sobranceiras, mas devolveu-me com um sorriso glacial.

- Onde é que o encontraste, garoto?

- É um segredo - repliquei, sabendo que o meu pai devia estar a sorrir por dentro.

Barceló franziu o cenho e desviou o olhar para o meu pai.

- Amigo Sempere, porque é o senhor e por todo o apreço que lhe tenho e em honra à amizade que nos une como a dois irmãos, fiquemo-nos por quarenta duros (\*) e não se fala mais nisso.

- Isso vai ter de o discutir com o meu filho - aduziu o meu pai. - O livro é dele.

Barceló ofereceu-me um sorriso lupino.

- Que dizes, pequenote? Quarenta duros não é mau para uma primeira venda... Sempere, este seu miúdo há-de fazer carreira neste negócio.

Os companheiros de tertúlia riram-se da graça. Barceló olhou para mim satisfeito, puxando da sua carteira de pele. Contou os quarenta duros, que naquela época eram uma verdadeira fortuna, e estendeu-mos. Eu limitei-me a recusar em silêncio. Barceló franziu o cenho.

- Olha que a cobiça é inevitavelmente um pecado mortal, hem? - aduziu. - Vamos, sessenta duros e abres uma caderneta de aforro, que na tua idade há que pensar no futuro.

Recusei de novo. Barceló lançou um olhar irado ao meu pai através do monóculo.

- Não olhe para mim - disse o meu pai. - Eu aqui venho só como acompanhante.

Barceló suspirou e observou-me detidamente.

- Vamos lá a ver, menino; mas o que é que tu queres?

- O que eu quero é saber quem é Julián Carax, e onde posso encontrar outros livros que ele tenha escrito.

---

\* O duro equivale a cinco pesetas. A designação é uma reminiscência da antiga moeda espanhola chamada peso duro ou, abreviadamente, duro, que tinha esse valor. (N. T.)

Barceló riu dissimuladamente e meteu de novo a carteira ao bolso.

- Ena, um académico. Mas o que dá você a comer a este miúdo, Sempere? - gracejou.

O livreiro inclinou-se para mim com tom confidencial e, por um instante, pareceu-me entrever no seu olhar um certo respeito que lá não estava momentos atrás.

- Vamos fazer um negócio - disse ele. - Amanhã, domingo, à tarde, passas pela biblioteca do Ateneo e perguntas por mim. Tu trazes o teu livro para que eu o possa examinar bem, e eu conto-te o que sei de Julián Carax. Quidpro quo.

- Quid pro quê?

- Latim, rapaz. Não há línguas mortas, mas sim cérebros amodorrados. Parafraseando, significa que não há duros a quatro pesetas, mas que simpatizei contigo e te vou fazer um favor.

Aquele homem destilava uma oratória capaz de aniquilar moscas em voo, mas suspeitei de que, se queria averiguar alguma coisa sobre Julián Carax, mais me valeria ficar de boas relações com ele. Sorri-lhe beatificamente, mostrando o meu deleite com os latinórios e o seu verbo fácil.

- Não te esqueças, amanhã, no Ateneo - sentenciou o livreiro. - Mas leva o livro, ou não há negócio.

- De acordo.

A conversa desvaneceu-se lentamente no murmúrio dos restantes companheiros de tertúlia, derivando para a discussão de uns documentos encontrados nas caves do Escorial que sugeriam a possibilidade de don Miguel de Cervantes não ter sido senão o pseudónimo literário de uma peluda mulherça toledana. Barceló, ausente, não participou no debate bizantino e limitou-se a observar-me do seu monóculo com um sorriso velado. Ou talvez olhasse somente para o livro que eu segurava nas mãos.

## 2.

Naquele domingo, as nuvens tinham resvalado do céu e as ruas

jaziam submergidas sob uma lagoa de neblina ardente que fazia suar os termómetros nas paredes. A meio da tarde, rondando já os trinta graus, parti rumo à rua Canuda para o meu encontro com Barceló no Ateneo levando o meu livro debaixo do braço e uma cortina de suor na testa. O Ateneo era - e ainda é - um dos muitos recantos de Barcelona onde o século XIX ainda não recebeu notícia da sua reforma. A escadaria de pedra subia de um pátio palaciano até uma retícula fantasmagórica de galerias e salões de leitura onde invenções como o telefone, a prensa ou o relógio de pulso eram anacronismos futuristas. O porteiro, ou talvez fosse tão-só uma estátua de uniforme, mal pestanejou à minha chegada. Deslizei até ao primeiro andar, bendizendo as pás de uma ventoinha que sussurrava entre leitores adormecidos a derreterem-se como cubos de gelo sobre os seus livros e jornais.

A silhueta de don Gustavo Barceló recortava-se junto das vidraças de uma galeria que dava para o jardim interior do edifício. Apesar da atmosfera quase tropical, o livreiro vestia a sua habitual roupa de cerimónia de figurino e o seu monóculo brilhava na penumbra como uma moeda no fundo de um poço. Junto dele distingui uma figura enfiada num vestido de alpaca branca que se me afigurou

como um anjo esculpido em brumas. Ao eco dos meus passos, Barceló semicerrou os olhos e fez-me um sinal para que me aproximasse.

- Daniel, não é? - perguntou o livreiro. - Trouxeste o livro?

Assenti em duplicado e aceitei a cadeira que Barceló me oferecia junto dele e da sua misteriosa acompanhante. Durante vários minutos, o livreiro limitou-se a sorrir placidamente, alheio à minha presença. Não tardou que abandonasse toda a esperança de que ele me apresentasse a quem quer que fosse a dama de branco. Barceló comportava-se como se ela não estivesse ali e nenhum dos dois pudesse vê-la. Observei-a de soslaio, receoso de encontrar o seu olhar, que continuava perdido em nenhum sítio. O rosto e os braços vestiam uma pele pálida, quase translúcida. Tinha as feições afiladas, desenhadas a traço firme sob uma cabeleira negra que brilhava como pedra humedecida. Calculei-lhe uns vinte anos, no máximo, mas havia qualquer coisa no seu porte e no modo como a alma parecia cair-lhe aos pés, como os ramos de um salgueiro, que me fez pensar que não tinha idade. Parecia presa naquele estado de perpétua juventude reservado aos manequins das montras de aparato.

Estava a tentar ler-lhe a pulsação por baixo daquela garganta de cisne quando me apercebi de que Barceló me observava fixamente.

- Então, vais-me dizer onde encontraste esse livro? - perguntou.

- Fá-lo-ia, mas prometi ao meu pai guardar o segredo - aduzi.

- Estou a ver. O Sempere e os seus mistérios - disse Barceló. - Já imagino onde. Tiveste uma bela vaca, garoto. A isso é que eu chamo encontrar uma agulha num campo de açucenas. Vamos lá a ver, deixas-mo ver?

Estendi-lhe o livro, e Barceló tomou-o nas mãos com infinita delicadeza.

- Leste-o, suponho.

- Sim, senhor.

- Invejo-te. Sempre me pareceu que o momento para ler Carax é quando ainda se tem o coração jovem e a mente limpa. Sabias que este foi o último romance que escreveu?

Abanei silenciosamente a cabeça.

- Sabes quantos exemplares como este há no mercado, Daniel?

- Milhares, suponho.

- Nenhum - precisou Barceló. - Excepto o teu. Os restantes foram queimados.

- Queimados?

Barceló limitou-se a oferecer um sorriso hermético, passando folhas do livro e acariciando o papel como se fosse uma seda única no universo. A dama de branco voltou-se lentamente. Os seus lábios esboçaram um sorriso tímido e trémulo. Os seus olhos apalpavam o vazio, pupilas brancas como o mármore. Engoli em seco. Era cega.

- Não conheces a minha sobrinha Clara, pois não? - perguntou Barceló.

Limitei-me a dizer com a cabeça que não, incapaz de despregar os olhos daquela criatura com tez de boneca de porcelana e olhos brancos, os olhos mais tristes que alguma vez vi.

- Na realidade, a especialista em Julián Carax é a Clara, foi por isso

que a trouxe - disse Barceló. - Mais ainda, pensando bem, acho que com vossa licença me vou retirar para outra sala a fim de inspecionar este volume enquanto vocês falam das vossas coisas. Acham bem?

Olhei para ela, atónito. O livreiro, pirata até à sepultura e alheio às minhas reservas, limitou-se a dar-me uma palmadinha nas costas e partiu com o meu livro debaixo do braço.

- Impressionaste-o, sabes? - disse a voz atrás de mim.

Voltei-me para descobrir o sorriso leve da sobrinha do livreiro, tentando no vazio. Tinha uma voz de cristal, transparente e tão frágil que me pareceu que as suas palavras se quebrariam se a interrompesse a meio da frase.

- O meu tio disse-me que te ofereceu uma boa quantia pelo livro de Carax, mas que tu a recusaste - acrescentou Clara. - Conquistaste o seu respeito.

- Qualquer um o diria - suspirei.

Observei que Clara inclinava a cabeça ao sorrir e que os seus dedos brincavam com um anel que parecia uma grinalda de safiras.

- Que idade tens? - perguntou.

- Quase onze anos - respondi. - E a menina? Clara riu perante a minha insolente inocência.

- Quase o dobro, mas também não é caso para me tratares por você.

- Parece mais nova - assinalei, pressentindo que aquilo podia ser uma boa saída para a minha indiscrição.

- Então vou confiar em ti, porque não sei que aspecto tenho - retorquiu, sem abandonar o seu sorriso a meia haste. - Mas, se te pareço mais nova, tanto mais razão para me tratares por tu.

- Como queira, menina Clara.

Observei detidamente as suas mãos abertas como asas sobre o regaço, a cintura frágil a insinuar-se sob as pregas de alpaca, o desenho dos ombros, a extrema palidez da garganta e o desenho dos lábios, que teria querido acariciar com as pontas dos dedos. Nunca até aí tinha tido a oportunidade de examinar uma mulher tão de perto e com tanta precisão sem receio de me encontrar com o seu olhar.

- Para onde é que estás a olhar? - perguntou Clara, não sem uma certa malícia.

- O seu tio diz que a menina é uma especialista em Julián Carax - improvisei, com a boca seca.

- O meu tio seria capaz de dizer o que quer que fosse para passar um bocado a sós com um livro que o fascine - aduziu Clara. - Mas tu deves perguntar a ti mesmo como alguém que é cego pode ser especialista em livros se não os pode ler.

- Não me tinha ocorrido, para dizer a verdade.

- Para quem tem quase onze anos não mentes mal. Tem cuidado, senão ainda acabas como o meu tio.

Receando meter água pela enésima vez, limitei-me a permanecer sentado em silêncio, contemplando-a aparvalhado.

- Anda, aproxima-te - disse ela.

- Desculpe?

- Aproxima-te sem medo. Não te vou comer.

Levantei-me da cadeira e aproximei-me até onde Clara estava sentada. A sobrinha do livreiro levantou a mão direita, procurando-me às apalpadelas. Sem saber bem como devia proceder, fiz outro tanto e ofereci-lhe a minha mão. Tomou-a na sua mão esquerda, e Clara ofereceu-me em silêncio a sua direita. Compreendi instintivamente o que me pedia, e guiei-a até ao meu rosto. O seu tacto era ao mesmo tempo firme e delicado. Os dedos dela percorreram-me as faces e as maçãs do rosto. Permaneci imóvel, quase sem me atrever a respirar enquanto Clara lia as minhas feições com as mãos. Enquanto o fazia, sorria para si e pude reparar que os seus lábios se semicerravam, como que murmurando em silêncio. Senti o roçar das suas mãos na testa, no cabelo e nas pálpebras. Deteve-se sobre os meus lábios, desenhando-os em silêncio com o indicador e o anular. Os dedos cheiravam a canela. Engoli em seco, notando que a pulsação me disparava à doida e agradecendo à divina providência que não houvesse testemunhas oculares para presenciar o meu rubor, que teria bastado para acender um charuto a um palmo de distância.

### 3.

Naquela tarde de brumas e chuva miúda, Clara Barceló roubou-me o coração, a respiração e o sono. Ao abrigo da luz enfeitada do Ateneo, as suas mãos escreveram na minha pele uma maldição que havia de me perseguir durante anos. Enquanto eu a contemplava arrebatado, a sobrinha do livreiro explicou-me a sua história e como ela tinha tropeçado, também por casualidade, nas páginas de Julián Carax. O acidente tivera lugar numa aldeia da Provença. O seu pai, advogado de prestígio ligado ao gabinete do presidente Companys (\*), tinha tido a clarividência de mandar a filha e a mulher para casa da irmã do outro lado da fronteira no início da guerra civil. Não faltou quem opinasse que aquilo era um exagero, que em Barcelona não ia acontecer nada e que em Espanha, berço e pináculo da civilização cristã, a barbárie era coisa dos anarquistas, e estes, de bicicleta e com remendos nas peúgas, não podiam ir muito longe. Os povos nunca se vêem ao espelho, dizia sempre o pai de Clara, e muito menos com uma guerra à frente do nariz. O advogado era um bom leitor da história e sabia que o futuro se lia nas ruas, nas fábricas e nos quartéis com mais clareza do que na imprensa da manhã. Durante meses escreveu-lhes todas as semanas. Ao princípio fazia-o do escritório da rua Diputación, mais tarde sem remetente e, finalmente, às escondidas, de uma cela no castelo de Montjuic onde, como a tantos, ninguém o viu entrar e de onde nunca voltou a sair.

A mãe de Clara lia as cartas em voz alta, dissimulando mal o pranto e saltando os parágrafos que a filha depreendia sem necessidade de os ler. Mais tarde, à meia-noite, Clara convencia a sua prima Claudette a ler-lhe de novo as cartas do pai na íntegra. Era assim que Clara lia, com olhos de empréstimo. Nunca ninguém a viu derramar uma lágrima, nem quando deixaram de receber correspondência do advogado nem quando as notícias da guerra fizeram supor o pior.

- O meu pai sabia desde o princípio o que se ia passar - explicou

---

\* Lluís Companys i Jover (1882-1940) proclamou o Estado catalão e foi presidente do Parlamento catalão e da Generalitat, em 1934 e novamente entre 1936 e 1939. Quando as tropas do general Franco ocuparam a Catalunha, foi para França, onde a Gestapo o entregou às autoridades espanholas, para ser condenado à morte e executado. (N. T.)

Clara. - Permaneceu ao lado dos amigos porque pensava que era essa a sua obrigação. O que o matou foi a lealdade a pessoas que, quando lhes chegou a hora, o atraçoaram. Nunca confies em ninguém, Daniel, especialmente nas pessoas que admiras. São essas que te cravarão as maiores punhaladas.

Clara pronunciava estas palavras com uma dureza que parecia forjada em anos de segredo e sombra. Perdi-me no seu olhar de porcelana, olhos sem lágrimas nem mentiras, ouvindo-a falar de coisas que na altura eu não percebia. Clara descrevia pessoas, cenários e objectos que nunca vira com os seus próprios olhos com um pormenor e uma precisão de mestre da escola flamenga. O seu idioma eram as texturas e os ecos, a cor das vozes, o ritmo dos passos. Explicou-me que, durante os anos do exílio em França, ela e a sua prima Claudette tinham compartilhado um tutor e professor particular, um cinquentão borracho com filúcias de literato que alardeava ser capaz de recitar a Eneida de Virgílio em latim sem sotaque e que tinham apodado de Monsieur Roquefort em virtude do peculiar aroma que a sua pessoa destilava apesar dos banhos romanos de água-de-colónia com que temperava a sua pantagruélica pessoa. Monsieur Roquefort, apesar das suas notáveis peculiaridades (entre as quais avultava uma firme e militante convicção de que o chouriço e em particular as morcelas que Clara e a mãe recebiam dos parentes de Espanha eram remédio santo para a circulação e o mal da gota), era homem de gostos refinados. Desde jovem ia a Paris uma vez por mês para enriquecer o seu acervo cultural com as últimas novidades literárias, visitar museus e, murmurava-se, passar uma noite de folga nos braços de uma ninfeta que tinha baptizado de Madame Bovary apesar de se chamar Hortense e que possuía uma certa propensão para a penugem facial. Nas suas excursões culturais, Monsieur Roquefort costumava frequentar uma banca de livros usados postada defronte de Notre-Dame e fora ali que, por casualidade, tropeçara uma tarde de 1929 num romance de um autor desconhecido, um tal Julián Carax. Sempre aberto às novidades, Monsieur Roquefort adquirira o livro mais que qualquer outra coisa porque o título se lhe revelava sugestivo e ele costumava sempre ler qualquer coisa ligeira no comboio de regresso. O romance tinha por título A Casa Vermelha, e na contracapa aparecia uma imagem esfumada do autor, talvez uma fotografia ou um apontamento a carvão. Segundo o texto biográfico, Julián Carax era um jovem de vinte e sete anos que nascera com o século na cidade de Barcelona e agora vivia em Paris, escrevia em francês e actuava

profissionalmente como pianista nocturno numa casa de alterne. O texto da sobrecapa, pomposo e bafiento ao gosto da época, proclamava em prosa prussiana que aquela era a primeira obra de um valor deslumbrante, um talento proteico e insigne, promessa de futuro para as letras europeias sem paralelo no mundo dos vivos. Contudo, a sinopse seguidamente referida dava a entender que a história continha elementos vagamente sinistros e de tom folhetinesco, o que aos olhos de Monsieur Roquefort era sempre um ponto a favor, porque a ele, a seguir aos clássicos, o que mais agradava eram as intrigas de crime e alcova.

A Casa Vermelha relatava a atormentada vida de um misterioso indivíduo que assaltava casas de brinquedos e museus para roubar bonecos e fantoches, aos quais posteriormente arrancava os olhos e que levava para a sua residência, um fantasmagórico invernadouro abandonado nas margens do Sena. Ao irromper uma noite numa mansão sumptuosa da avenue Foix para dizimar a colecção privada de bonecos de um magnate enriquecido através de turvas artimanhas durante a revolução industrial, a sua filha, uma menina da boa sociedade parisiense, muito fina e lida, apaixonava-se pelo ladrão. À medida que o tortuoso romance avançava, enxameado de incidências escabrosas e episódios à meia-luz, a heroína deslindava o mistério que levava o enigmático protagonista, que nunca revelava o seu nome, a cegar os bonecos, descobria um horrível segredo sobre o seu próprio pai e a sua colecção de figuras de porcelana e mergulhava inevitavelmente num final de tragédia gótica sem conta.

Monsieur Roquefort, que era um corredor de fundo nas lides literárias e que se orgulhava de possuir uma ampla colecção de cartas assinadas por todos os editores de Paris recusando os volumes de verso e prosa que ele lhes enviava sem trégua, identificou a editora que tinha publicado o romance como uma casa de vão de escada, conhecida, quando muito, pelos seus volumes de cozinha, costura e outras artes do lar. O dono da banca de livros usados contou-lhe que o romance tinha acabado de sair e que conseguira arrancar um par de resenhas em dois jornais de província, junto das notas necrológicas. Em poucas linhas, os críticos tinham-se desbocado a seu bel-prazer e haviam recomendado ao novel Carax que não deixasse o seu emprego de pianista, porque na literatura era evidente que não ia chamar a atenção. Monsieur Roquefort, a quem o coração e a bolsa amoleciam diante das causas perdidas, decidira investir meio franco e levava o romance do tal Carax juntamente com uma edição

requintada do grande mestre, de quem se sentia herdeiro não reconhecido, Gustave Flaubert.

O comboio para Lyon ia repleto até mais não poder ser e Monsieur Roquefort não teve outro remédio senão compartilhar o seu compartimento da segunda classe com um par de religiosas que, mal deixaram a estação de Austerlitz, não pararam de lhe lançar olhares de reprovação, murmurando disfarçadamente. Perante semelhante escrutínio, o mestre optou por resgatar aquele romance da pasta e entrincheirar-se atrás das suas páginas. Qual não foi a sua surpresa quando, centenas de quilómetros mais tarde, descobriu que tinha esquecido as irmãs, o vaivém do comboio e a paisagem que deslizava como um sonho mau dos irmãos Lumière através das janelas do comboio. Leu toda a noite, alheio aos roncões das religiosas e às estações fugazes na névoa. Ao voltar a última página, despontava o alvorecer, Monsieur Roquefort descobriu que tinha lágrimas nos olhos e o coração envenenado de inveja e espanto.

Naquela mesma segunda-feira, Monsieur Roquefort telefonou para a editora de Paris a fim de solicitar informações sobre o tal Julián Carax. Depois de muita insistência, uma telefonista de tom asmático e disposição virulenta respondeu-lhe

que o senhor Carax não tinha direcção conhecida, que fosse como fosse já não estava relacionado com a editora em questão e que o romance A Casa Vermelha tinha vendido exactamente setenta e sete exemplares desde o dia da sua publicação, presumivelmente adquiridos na sua maioria pelas meninas de virtude fácil e outros frequentadores habituais do local onde o autor desfiava nocturnos e polacas a troco de umas moedas. O resto dos exemplares tinha sido devolvido e transformado em pasta de papel para imprimir missais, multas e bilhetes de lotaria. A mísera sorte do misterioso autor acabou por conquistar as simpatias de Monsieur Roquefort. Durante os dez anos seguintes, em cada uma das suas visitas a Paris, percorreria alfarrabistas em busca de mais obras de Julián Carax. Nunca encontrara nenhuma. Quase ninguém tinha ouvido falar do autor, e aqueles a quem o nome dizia alguma coisa pouco sabiam. Havia quem afirmasse que tinha publicado mais alguns livros, sempre em editoras de pequena monta e com tiragens irrisórias. Esses livros, se realmente existiam, eram impossíveis de encontrar. Um livreiro afirmou uma vez ter tido nas mãos um exemplar de um romance de Julián Carax chamado O Ladrão de Catedrais, mas já lá ia muito tempo e não estava

totalmente seguro. Em finais de 1935 chegaram-lhe notícias de que um novo romance de Julián Carax, *A Sombra do Vento*, tinha sido publicado por uma pequena editora de Paris. Escreveu para a editora a fim de adquirir vários exemplares. Nunca recebeu resposta. No ano seguinte, na Primavera de 36, o seu antigo amigo da banca de livros da margem do Sena perguntara-lhe se continuava interessado em Carax. Monsieur Roquefort afirmara que nunca se rendia. Era já uma questão de teimosia: se o mundo se empenhava em enterrar Carax no esquecimento, a ele não lhe apetecia ir na onda. O amigo explicara-lhe que semanas atrás tinha circulado um rumor acerca de Carax. Parecia que por fim a sorte mudara. Ia contrair matrimónio com uma dama de boa posição e tinha publicado um novo romance depois de vários anos de silêncio que, pela primeira vez, recebera uma resenha favorável no *Le Monde*. Mas precisamente quando parecia que os ventos iam mudar de rumo, explicara o livreiro, Carax tinha-se visto implicado num duelo no cemitério de Père Lachaise. As circunstâncias que rodearam este acontecimento não eram claras. Tudo o que se sabia era que o duelo tivera lugar no alvorecer do dia em que Carax tinha de contrair matrimónio, e que o noivo não chegara a comparecer na igreja.

Havia opiniões para todos os gostos: uns faziam-no morto naquele duelo e o seu cadáver abandonado numa sepultura anónima; outros, mais optimistas, preferiam acreditar que Carax, implicado em algum assunto turvo, tivera de abandonar a sua noiva no altar e fugir de Paris para regressar a Barcelona.

#### 4.

A sepultura sem nome nunca foi encontrada e pouco depois circulara outra versão: Julián Carax, perseguido pela desgraça, morrera na sua cidade natal na mais absoluta das misérias. As raparigas do bordel onde tocava piano tinham feito uma colecta para lhe pagarem um enterro decente. Quando chegou o vale, o cadáver já tinha sido enterrado numa vala comum, juntamente com os corpos de mendigos e gente sem nome que aparecia a flutuar no porto ou que morria de frio nas escadas do metro.

Mesmo que fosse só por espírito de contradição, Monsieur

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Sombra do Vento"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).